



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS**

ISIANE MENDEL SANTOS FEITOSA

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS ALUNOS
NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

ARAGUAÍNA – TO

2017

ISIANE MENDEL SANTOS FEITOSA

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS ALUNOS
NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras Português e respectivas literaturas, da Universidade Federal do Tocantins, como requisito para conclusão de curso de graduação.

Orientação professor: Msc. Plínio Sabino Sélis.

ARAGUAÍNA - TO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

ISIANE MENDEL SANTOS FEITOSA

**A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DOS ALUNOS NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras Português, da Universidade Federal do Tocantins, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob orientação do Professor Msc. Plínio Sabino Sélis.

Data de Apresentação 16/05/2017

Banca examinadora:

Prof. Msc. Plínio Sabino Sélis (UFT)

Orientador

Prof. Dr. José Manoel Sanches (UFT)

Membro avaliador

Prof. Dr^a. Eleuda de Carvalho (UFT)

Membro avaliador

Araguaína – TO, aos 16 do mês de Maio de 2017.

Aos meus pais Noraneis e Isaias, Minha irmã Iane,
Minha filha Neisyane e esposo Valdiran

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois é meu alicerce e minha fortaleza esteve comigo durante todo o meu percurso acadêmico, além de ser meu conforto e minha coragem de seguir sempre em frente.

A meus amados pais Isaias N. T. Santos e Noraneis M. Santos que sempre me auxiliaram, pois acreditaram e confiaram em mim de tal forma que meus dias dedicados a Universidade Federal do Tocantins eram uma representação do desejo de me verem graduada, uma vez que projetaram em mim a realização de um sonho nosso.

A minha querida e amada irmã Iane M. Santos que sempre mim incentivou e ajudou quando precisei. Assim como meu dileto esposo Valdiran F. C. Santos que sempre compreendeu as minhas longas viagens em direção a UFT e mim encorajou a continuar firme na jornada acadêmica.

A minha pequenina Neisyane M. S. Feitosa que veio ao mundo durante meu percurso acadêmico e assim trouxe-me um novo horizonte, ou seja, novas perspectivas reavivando em mim a certeza de que meu aprendizado será uns dos alicerces que ela terá.

A minha querida professora Dr^a Eleuda de Carvalho por ser minha fonte de inspiração na vivência de lecionar, pois despertou em mim o gosto pela literatura, por sua inteligência e sensibilidade inquestionável.

Ao meu professor orientador Msc. Plínio Sabino Sélis, a quem dedico enorme admiração, por sua atenção e carinho e disponibilidade em esclarecer sempre minhas duvidas.

Ao corpo docente do Curso Superior de Letras, que com sua capacidade cognitiva me impulsionaram um novo horizonte o do saber. Em especial ao professor e diretor do campus José Manoel Sanches que esteve sempre disposto a nos ajudar como professor e diretor.

A todos os meus colegas de graduação em especial ao Hamilton Muniz que me presenteou com sua amizade e generosidade, Livanda Coelho companheira inseparável das longas viagens até UFT, amiga e parceira na academia, Misley Karla e Sergio Danilo grandes parceiros na realização de trabalhos em grupo. Aline Silva e Marizane Magalhães.

Muito Obrigada!

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo,
À sombra do Onipotente descansará
Direi ao Senhor: Ele é o meu Deus,
o meu refúgio, minha fortaleza, e nele confiarei”.

(Salmo 91)

FEITOSA, Isiane Mentel Santos. **A contribuição do ensino de Língua Portuguesa para o desenvolvimento cognitivo de alunos do ensino fundamental II.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura. Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2017.

RESUMO

Objetivamos analisar e abordar o ensino de Língua Portuguesa em torno do desenvolvimento cognitivo de alunos do ensino fundamental II sugerindo assim metodologias de trabalho que possam ser aplicadas, por meio do contexto formal e informal. Visando ainda a compreensão de como esse desenvolvimento se constitui nos percursos indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais– (PCN) de língua portuguesa, no que diz respeito à reflexão sobre a língua. Nesse sentido a abordagem se fará, por meio de um estudo com embasamento teórico prático para a observância do desempenho cognitivo.

A pesquisa envolveu uma turma do 9º ano contendo 17 alunos, nesta turma foi aplicado um questionário avaliativo a fim de compreender melhor o estudo em questão, sendo ainda aplicado um questionário a professora de língua portuguesa.

Quanto à abordagem a análise dos resultados desta pesquisa possibilita classificá-la como quantitativa. Desta forma visa-se observar como o ensino da língua portuguesa é aplicado e como poderia ser desenvolvido para que ocorresse um melhor desempenho do aluno, auxiliando o mesmo em outras disciplinas e nas resoluções de conflitos ocasionados pela dificuldade de aprendizado. Assim será imprescindível estabelecer a necessidade de aprendizagem da linguagem para o desenvolvimento cognitivo dos alunos e suas reais habilidades, retirando implicações sobre a necessidade de se trabalhar o ensino da disciplina em consonância com todo o seu campo de conhecimento do normativo ao literário, a fim de proporcionar um estímulo no desenvolvimento cognitivo do aluno.

Palavras-chave: Cognitivo; Aprendizagem; Habilidades; Ensino Fundamental II; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This paper has as its purpose to analyze and to approach the cognitive development of middle school students during the classes of Portuguese Language, suggesting methodologies to be explored by the students, making connections with the formal and informal speech. Also, trying to comprehend how this development involves what is prescribed by the Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN), regarding a deep reflection over the language. In this tone, the research seeks to bring a practical and theoretical view to observe the cognitive development.

The project has as subject 9th graders, which are up to 17 in classroom, where a survey was conducted – including the teacher – meaning to better understand the concept of the cognitive development. As for the analysis of the results, it classifies this research as quantitative; intending to detect how Portuguese is used and could be used to enhance the students' cognitive development, what also can help them with other subjects and the resolution of conflicts caused by learning difficulties. In this manner, it is highly important to establish the very necessity of Portuguese language learning to students' cognitive development and their real abilities with the language, leaving aside the problematic of working with the normative and literary use of the language to develop their cognitive skill.

Keywords: Cognitive; Learning; Abilities. Middle School. Portuguese Language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 LÍNGUA PORTUGUESA	12
1.2 CONSTRUÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA: SIGNOS E TEXTO.....	14
2. DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	20
2.1 CARACTERÍSTICAS DA ADOLESCÊNCIA	21
2.2 COGNIÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II	22
3. METODOLOGIA	28
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	30
4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
APÊNDICE A	39
APÊNDICE B	41

1. INTRODUÇÃO

A língua portuguesa compõe uma fonte inesgotável de conhecimento para os falantes que a utilizam diariamente principalmente no tocante das novas formas de uso como verificamos à exemplos dos neologismos. Para tanto, tomamos como objeto geral a compreensão deste ensino no desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental II, haja vista que este eixo envolve uma rica variedade linguística histórica e social.

O assunto em questão reproduz uma visão pouco difundida nas escolas de ensino básico, pois sempre nos deparamos com alunos oriundos de um despreparo no ensino o que geralmente ocasiona um déficit de aprendizagem. Contudo quando observamos nesses alunos um interesse e conseqüentemente um aprendizado da língua, inferimos que seu uso vai além do normativo, nesse sentido Antunes (2007, p. 22) afirma que “a língua mexe com valores mobiliza crenças. Institui e reforça poderes”, ou seja, não se limita apenas a construção sistêmica, mas a todas as concepções que são constituídas por ela, instigando o aluno ao desenvolvimento cognitivo ou envolvendo-o num campo de disseminação da capacidade de construir inferências em torno da linguagem e assim aguçar seu interesse e percepção sobre os temas abordados em sala de aula.

A relevância da investigação científica em questão tem como problemática a necessidade de desenvolver um cognitivo crítico dos alunos, por meio do uso de uma língua perspicaz e persuasiva adotando princípios epistemológicos, em face de uma reestruturação do ensino que possibilite uma interação ativa com o meio. Portanto objetivamos encontrar subsídios que forneçam ao professor identificar a facilidade ou dificuldade dos alunos no ensino fundamental II em torno do aprendizado da disciplina de Português.

O tema da pesquisa surgiu durante estágio acadêmico, pois nessa fase da graduação realizamos o contato concreto com nosso futuro ambiente de trabalho e a partir desse contato surgiu a necessidade de investigar alunos com um bom desempenho na disciplina de português analisando a facilidade de identificarem pressupostos no uso da construção de sentidos existentes na língua portuguesa.

A pesquisa se delimitou entre alunos do 9º ano, uma vez que estão finalizando um ciclo de aprendizagem partindo para uma nova caminhada no ensino médio. De fato nem todos os alunos estão aptos a trilhar esse novo caminho, porém conseguimos observar em alguns o quanto o percurso é interessante pela afinidade que possuíam com a língua portuguesa. Tal qual sua atuação envolvendo o aprendizado de cunho linguístico e social.

A metodologia se dará por meio de um questionário aplicado para os alunos do 9º ano da Unidade Escolar Novo Horizonte¹ e outro à professora titular de língua portuguesa da escola. A escolha desta turma se fomentou pela necessidade de investigação do último ano letivo dos alunos. Conquanto isso ao que absorveram durante anos estudados anteriormente, o aprimoramento de suas capacidades cognitivas incluindo a construção do saber. Assim visamos investigar a relação do ensino da língua no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Sendo assim podemos constatar que no âmbito escolar há uma construção de novos olhares e reprodução de uma fonte de saber crítico inferindo ainda o grau de conhecimento e sua força de persuasão quanto ao seu uso eficaz. Nesse sentido elaboramos um questionário com uma abordagem do ensino da língua portuguesa e a compreensão dos alunos sobre a necessidade de dominarem metacognitivamente a língua materna.

A série analisada reproduz um contexto distinto, uma vez que os alunos do 9º ano se encontram na fase final do processo de aprendizagem do ensino básico. Desta forma quando Antunes (2007, p. 20) afirma que “as atividades que implicam o uso da língua representam, portanto, o campo em que, mais especificamente, se exercita a constituição mesma da espécie humana”. Podemos inferir que, por meio da língua e de suas aplicações temos subsídios para o desenvolvimento de seu uso independente.

Para fundamentação desta pesquisa em torno do desenvolvimento e da cognição usamos o embasamento teórico de Piaget; Vygotsky e para caracterizarmos a língua portuguesa na sua concepção histórica e na contemporaneidade usamos a fundamentação teórica linguística de Fiorin, além do Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de língua portuguesa.

O que se propõe neste trabalho é conhecer a construção da língua portuguesa no desenvolvimento de alunos do ensino fundamental II e as interações ocasionadas no ambiente escolar em consonância com o uso plural que nossa língua possui pautado na interdisciplinaridade, uma vez que por meio da nossa língua podemos obter de forma contundente um perfil do conhecimento de mundo do aluno.

Diante disso, compreender o ensino reproduzido pelo professor visando inferir qual o papel do profissional no desenvolvimento cognitivo do aluno e até que ponto sua atuação como mediador dessa disciplina insere o aluno no desbravamento da utilização objetiva da língua como ferramenta persuasiva nas distintas situações de uso.

¹ O nome atribuído à escola participante da pesquisa é fictício.

Então se analisarão alguns questionamentos em torno de como a língua portuguesa pode elevar a cognição do aluno; assim como o déficit de aprendizagem pode ser melhorado e se é viável sua utilização em um âmbito escolar que priorize o ensino multifocalizado da língua portuguesa nas turmas do ensino fundamental II visando o desenvolvimento cognitivo.

Tal instrumento de pesquisa norteará o professor no repasse de conteúdos da língua portuguesa, a fim de despertar nos alunos um interesse de se tornarem detentores da própria liberdade de expressão e domínio de uma construção linguística transpondo-se em outras situações interacionais que por meio da língua puderam ser desenvolvidas.

Sendo assim partimos de pressupostos que estabelecem a nossa língua como um caminho contínuo e necessário para a construção do intelecto e do desenvolvimento de suas capacidades críticas e determinante no âmbito escolar e social priorizando uma constante necessidade de compreender e utilizar a língua como uma forma eficaz de subsídio argumentativo nas variadas situações interacionais.

CAPITULO I

1. 1 LÍNGUA PORTUGUESA

O português é uma língua oriunda do Latim, isto é, obteve sua composição pautada nas transformações da língua latina. A organização da língua portuguesa falada atualmente será abordada no decorrer do capítulo.

Essa organização iniciou-se em Portugal com o Galego- Português² no século XII onde seu domínio sofreu uma ruptura três séculos depois quando Portugal consolidou sua independência e o território Galego tornou-se anexo do reino de Castela, ocasionando a distinção entre as duas línguas permitindo a adoção de formas próprias. No entanto as formas atuais da língua portuguesa só foram alcançadas no século XVI com a publicação das duas primeiras gramáticas da língua e com o aparecimento de “Os Lusíadas” de Camões.

No Brasil o Português foi oficializado por se tratar da língua utilizada pelo colonizador, uma vez que Portugal pretendia assegurar seus domínios no território brasileiro, assim a presença portuguesa foi se consolidando em detrimento aos povos já existentes, os índios. Durante três séculos o Brasil viveu sob domínio do bilinguismo, considerando que o Tupi era a língua mais usada pelos índios que habitavam o território. Contudo em 1758 Portugal proibiu o uso do Tupi no Brasil, por meio da ordenação do Marquês de Pombal, cujo principal objetivo era a alfabetização dos colonizados para domínio assegurado da metrópole.

A priori a língua portuguesa foi imposta aos poucos visto que já existia outra língua falada por milhares de pessoas. Contudo a escassez de mestres que falavam o Tupi possibilitaram a propagação do Português, além da chegada de portugueses ao Brasil aumentando consideravelmente a disseminação da língua na colônia. De modo que a nova língua ia se caracterizando como afirmação do domínio da coroa portuguesa sobre a dominação do território brasileiro. Nesse sentido o Português de Portugal manteve em sua estrutura uma grande contribuição lexical Tupi, além de receber contribuições das línguas africanas advindas dos escravos trazidos de Portugal. No entanto cabe ressaltar que essas contribuições já existiam no Português, pois a escravidão já existia na metrópole. Em consonância a esses

²O galego-português era o idioma falado nas regiões de Portugal e da Galiza, no Reino de Leão, que devido à divisão política do mesmo espaço geográfico, posteriormente começou a diversificar-se nas línguas portuguesa e galega. A partir do séc. XII a literatura apoderou-se do galaico-português de modo a o português se diferenciar no século XVI da língua galega (PEREIRA, 2010).

fatos o percurso histórico da língua portuguesa e suas modificações ao longo dos séculos serviram de arcabouço para a consolidação e estruturação do currículo no ensino atual. Nesse sentido foram se traçando percursos variados de forma diacrônica, a fim de desenvolver um ensino contundente no tocante da aprendizagem dos falantes da língua portuguesa.

Com a oficialização da língua portuguesa no Brasil o ensino passou ser usado de forma pautada, isto é, aprender a forma correta do falar e escrever nos moldes da escrita clássica. No entanto esse ensino abordava apenas o aspecto monológico seguindo, apenas o percurso do ensino da língua na sua forma culta. Porém a língua é uma ferramenta de desenvolvimento das capacidades mentais do ser humano, embora o seu ensino formal seja plausível para construção realista do ensino no país se fazia necessário ampliar as várias vertentes do uso da língua. Desta forma foi elaborado o PCN(1998) de língua portuguesa que traz várias propostas entre elas propõe:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo. (Brasil, 1998, p. 19).

Nesse sentido a língua mantém o seguimento de possibilitar ao falante uma estruturação na capacidade de domínio desta e conseqüentemente na sua força de atuação cognitiva, por isso seu uso no ensino deve ser respaldado no âmbito da composição sociolinguística dos alunos.

No início da oficialização do Português no Brasil, quando a língua era utilizada apenas como um subterfúgio do colonizador para reiterar sua dominação sobre a colônia, esse ensino era pautado na língua formal, como abordado na introdução, porém no decorrer dos séculos se construíram subsídios para desenvolver habilidades linguísticas formuladas no uso e reflexão da língua.

No século XX grande parte das academias adotaram em seu currículo o eixo linguístico e literário articulando no processo de formação dos docentes uma nova perspectiva linguística, uma vez que ambas possibilitam ainda mais a criticidade do aluno retirando o mesmo da zona de conforto do ensino linear e introduzindo-o ao campo da construção de pensamento gerando a possibilidade de introduzi-lo no meio social.

Mediante tal percurso trataremos neste capítulo o uso da língua portuguesa no ambiente contemporâneo que visa aproximação concisa do novo perfil dos alunos retratando a linguística como elo entre o psicológico deste processo de transformação social que insere o uso concreto da língua aliada ao desenvolvimento escolar.

Portanto construiremos um perfil do percurso do ensino da língua portuguesa mediante assuntos que possam contribuir para os alunos se desenvolverem cognitivamente

1.2 CONSTRUÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA: SIGNOS E TEXTO

Nesta seção analisaremos algumas características da língua portuguesa na sua construção e concepção, assim como o uso da língua e as reais situações estabelecidas, a internalização da linguagem e a contextualização do signo com o ambiente real, ou seja, a relação externa e interna da formação do pensamento em torno do uso que se faz da língua e da necessidade de se estabelecer um pensamento crítico. Tal qual a reinteração da linguagem textual para a estruturação cognitiva. No entanto é necessário pontuar e compreender como se estrutura Língua e Linguagem e como tais construções atuam no processo de cognição.

Sendo assim se traçará a construção cognitiva, a atuação da língua no processo de estímulo e deleite do aprimoramento envolto na composição linguística.

Acerca da estrutura cognitiva relacionaremos os signos a instrumentos psicológicos atuantes na construção de conceitos e como tal função ocorre no desenvolvimento dos alunos no ensino fundamental II. Considerando a compreensão psicológica no âmbito deste ensino. Em síntese a reformulação da prática metodológica em torno da língua portuguesa, uma vez que teorias linguísticas e psicológicas se contextualizam para compor o sentido do ensino aprendizagem.

Ao acrescentarmos a instrumentação que reorganiza o interesse escolar dos alunos contemporâneos, isto é, o uso de elementos que aproximem esse aluno de ferramentas que o impliquem a realidade de ações e estímulos pontuais de seu desenvolvimento cognitivo traçaremos o viés da relação dos signos, por meio da teoria psicológica de Vygotsky, Piaget e linguística de Fiorin, bem como as considerações existentes no PCN de língua portuguesa.

De acordo com a visão estruturalista de Bakhtin (1968), a linguagem ocorre de maneira sociointeracionista, ou seja, é um fenômeno de interação verbal que acontece no meio social, abordando assim o princípio dialógico. Baseando-se nesse aspecto observa-se que a linguagem é uma peça fundamental para estabelecer uma conexão com a cognição. Contextualizada ao conceito de linguagem, por meio da visão científica da linguística que a reflete como complexa e diversa no tocante de problemas que envolvem

análise de outras ciências como a psicologia e antropologia etc. Fato reiterado pela linguística de Saussuriana³.

O ensino de Língua portuguesa no Brasil é pautado no PCN que visa nortear os profissionais em torno do ensino, assim o PCN de língua portuguesa, retrata a formação de cidadãos. Desta forma o uso da língua no ensino fundamental não pode ser respaldado apenas por um viés metodológico, pois a língua possui em sua construção uma grande carga semântica.

O termo linguagem associado à língua se torna relevante para Fiorin (2003) quando este faz uma comparação com a língua Inglesa, pois no Inglês a palavra “Language” traduz os dois conceitos língua e linguagem. No entanto a concepção histórica da língua por Pereira (2010) descreve a língua como particularização da linguagem reproduzida por um povo, ou seja, é um instrumento usado para caracterizar falantes de determinadas localizações. Nesse sentido a língua é considerada como parte social da linguagem refletindo a organização, por meio dos signos. Em consonância o PCN(1998) de língua portuguesa afirma:

Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (BRASIL, 1998, p 20).

Ademais os signos linguísticos devem atuar como um conjunto de expressividade da língua em relação ao seu uso identificando as realidades dos seus falantes, porém com uso crítico e dotado de grande carga semântica no tocante dos conceitos que os estruturam. No entanto para Saussure há ainda a distinção de língua e fala, ou seja, a língua é uma organização social que não pode ser modificada pelo falante, enquanto a fala é um ato individual resultante de combinações inferidas pelo falante. Diante disso abordaremos um breve estudo sobre os signos na língua portuguesa.

Traçar um único parâmetro para o ensino da língua portuguesa pode desencadear uma retração no aprendizado do aluno, a abordagem escolar implica um ensino da língua de uma forma questionadora da realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

³Linguística Saussuriana é o estudo dos signos e da teoria geral da semiologia baseando em um estudo sincrônico da linguagem e diacrônico da fala, assim como o uso coletivo, comum a todos os falantes, desprezando o aspecto individual, pois Saussure considera a língua homogênea enquanto a fala é mutável.

Na língua Portuguesa os signos atuam de forma fundamental, ou seja, auxiliam o homem na construção da memória, estabelecendo uns dos fundamentos de suma importância no desenvolvimento cognitivo, pois, por meio da construção mental dos signos construímos a forma linguística. Assim Vygotsky definiu o signo como elementos psicológicos que são usados para ações relacionadas ao exercício mental. Desta forma quando se estuda os signos observamos a relação pautada na representatividade do real caracterizado pela capacidade de associação do interno com o meio externo.

Ainda na construção do aprendizado da língua se pode estabelecer em suma seu aprendizado por meio da internalização, ou seja, os indivíduos ao longo da aquisição da linguagem deixam de adquirirem, apenas referências externas passando a embasarem em instrumentos de internalização, isto é, formas mentais que constroem sentidos distintos para os signos. Podemos implicar essa representatividade na fase escolar, pois as crianças, por meio do uso da língua vão traçando seu próprio percurso, tanto cognitivo como linguístico, porém desenvolvendo conjuntamente estas formas de aprendizado, uma vez que se pode impulsionar o conhecimento por meio de interlocuções.

Com essa visão a criança vai adquirindo conhecimento linguístico que possibilite ir além da sua aquisição linguística internalizada, pois quando se estabelece o signo com a internalização se constitui também a relação que este possui com o fato externo não momentâneo. Oliveira (2010, p. 37) afirma que “essa capacidade de lidar com representações que substituem o próprio real é que possibilita ao homem liberta-se do espaço e do tempo”. Nesse sentido a percepção é fundamental para o professor observar que o aluno tem em sua estrutura psicológica a capacidade de retirar implicaturas possibilitando utiliza-las no aprendizado da língua materna sem delimitações compreendendo ainda que o ensino da língua portuguesa não se trata de uma abordagem do conteúdo decorativo, mais sim de operação mental capaz de estabelecer conexões que produzam aprendizagem concreta de forma concisa.

A articulação que surge, por meio da relação de imagens e a nomeação desta coordena o que conhecemos por signos, pois só conseguimos estabelecer o concreto quando o nomeamos, porém por meio desta composição os signos são usados apenas para designação de objetos. No entanto seu uso vai além de mera associação de uma imagem ao seu conceito, uma vez que a capacidade cognitiva nos possibilita realizar uma distinção dos signos principalmente quando aplicados em determinados contextos usemos como exemplo a palavra manga que poderia ser classificado como classe de frutas, todavia o signo não o caracteriza como pertencente a essa classificação. Fiorin (2003, p 55) afirma que: “A língua não é um sistema de demonstração de objetos, pois a linguagem humana pode falar de objetos presentes ou

ausentes da situação de comunicação”. Tal afirmação reforça o fato de que estamos mediados por fatores inatos aos fatores externos.

Quando partimos da premissa de que os signos são símbolos podemos reproduzir a pressuposição de uma atividade construtiva de pensamento que relaciona a capacidade de elaborar uma imagem preestabelecendo aquilo que já conhecemos e transformamos em símbolos linguísticos. Nesse sentido Piaget rebatizou a “função simbólica” como “função semiótica”, pois ampliou o que chama de signo na função abordada pela semiologia⁴.

Se partirmos dessa premissa para compormos a capacidade de cognição, podemos verificar na significação a importância da construção do intelecto na correlação da atividade simbólica, notamos que essa constatação é produzida pelo campo linguístico. Conforme a capacidade das palavras criarem conceitos e ordenarem a realidade compreendemos a atuação desse conceito na categorização do mundo. Fiorin (2003) usou a composição da significação da palavra pôr do sol para efetuar tal conceituação, uma vez que do ponto de vista científico não existe significação para pôr do sol, pois se sabe que a terra faz o movimento de rotação, mas quando se trata do uso da língua essa palavra adota uma nova configuração, ou seja, criasse uma realidade concreta que vislumbra os falantes da língua enquanto formulam a imagem do pôr do sol.

Desta forma uma palavra repercute um novo pensar sobre as forma de significações, ou seja, a relação das palavras com o meio e com as constantes mudanças no patamar das ideias confere a tais formulações a necessidade de existência de novas palavras, porém sua nomeação além de reproduzir o sentido concretiza sua existência. Nessa visão conceitual o ensino da língua é uma fonte de aplicabilidade para a construção e desenvolvimento cognitivo do aluno, pois estabelece a oportunidade de construir significação ao surgimento de novas realidades.

Nesse sentido o ensino não pode adotar apenas o padrão formal prescritivo da língua, uma vez que a construção de sentidos pode ser introduzida pelo próprio conhecimento que é parte do cotidiano destes alunos. Conforme descrito na teoria Saussureana sem a existência dos signos estaríamos pautados a incapacidade de distinção dicotômica das ideias de forma clara e recorrente, uma vez que a língua é a afirmação do pensamento de que nada é distinto sem sua existência.

De acordo com Fiorin (2003. p 70), “o valor de um signo é dado por outro signo. Além disso, um signo é sempre interpretável por outro signo no interior do mesmo sistema pelos

⁴A Semiótica é um termo que vem do grego: semeion que significa signo, e otica que significa Ciência. Estuda os signos, sendo difundida por Saussure e Peirce.

sinônimos, pelas paráfrases, pelas definições”, se compreende que os falantes não tem uma nomenclatura preestabelecida do signo, uma vez que sua construção é estabelecida como traços funcionais adquiridos.

Tendo em vista que tal conceituação se refere ao signo como sendo uma realidade mediante a língua. Tal afirmação posteriormente foi enfatizada por (Saussure, 2002, apud Fiorin, 2003) quando apresentou o signo como uma entidade de duas faces significado-significante⁵, um nome não se une a uma coisa, todavia uma reclama a outra, assim ele equiparou o signo a uma folha de papel, ou seja, ao verso e anverso para explicitar que as duas faces são perceptíveis, porém inseparáveis. Contudo Fiorin (2003) demonstra a diferença de signo apresentada por Hjelmslev. Enquanto Saussure considera as estruturas mínimas do signo como é o caso dos morfemas, Hjelmslev classifica a produção de frases ou textos como signos no campo do sentido, por isso a importância de sua construção nas escolas e conseqüentemente no aprimoramento do intelecto desses alunos.

Portanto o uso do signo parte de uma percepção tanto linguística quanto psicológica e é um instrumento de fixação do aprendizado, pois envolve e estabelece relações do mental com o concreto, embora em constante modificação e aprimoramento, assim sua utilização nas aulas de língua portuguesa possibilita uma imensa construção de significados no campo dos sentidos o que instiga, isto é estimula o aluno a construir suas próprias implicaturas em interações situacionais. Mediante ao uso desses instrumentos linguísticos os alunos são capacitados a relaciona-los.

O texto usado na sala de aula é uma ferramenta oportunizadora para construção de um bom desempenho cognitivo, pois possibilita ao leitor a construção de sentidos assim COSTA VAL (1991.p, 1) destaca “um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa”, isto é, possibilita ao leitor inferências, em torno do texto que reproduz uma comunicação no ambiente social considerando várias construções de sentido. Sendo assim quando verificamos o contexto social do leitor também podemos destacar que o discurso se insere de forma sociocultural propiciando sentido para seus produtores e receptores.

O encadeamento de ideias para produção textual requer coesão e coerência assim ao desenvolver um texto o aluno interage com o meio e, por meio dos nexos para uma construção

⁵ Saussure em sua teoria linguística estabeleceu para o signo a união do conceito com a imagem acústica, assim se constitui de significado e significante, cujo significado é representado pelo conceito e o significante pela imagem acústica.

aceita como textual, então essa construção acontece no campo do nível semântico- cognitivo e não gramatical. No entanto se essas relações ocorrerem de formas lógico-cognitiva subjacente na haverá um texto. É interessante ressaltar que tais mecanismos de junção dos nexos possibilitam o desenvolvimento cognitivo. Costa Val (1991) descreve os fatores de textualidade como:

Um texto é aceito e avaliado pelos interlocutores aceitabilidade como coerente quando os recursos linguísticos utilizados são percebidos como integrados num todo inteligível coesão, que lhes pareça adequado à situação em que ocorre situacionalidade e apropriado para a realização das intenções do escritor diante dos leitores a quem se destina o texto intencionalidade. (COSTA VAL, 2004, p.6)

Evidentemente a aceitabilidade, situacionalidade e intencionalidade requerem dos produtores de texto uma maior interação com o meio, a fim de reportar este para o inteligível composto pela coesão, aliás, quando a escola adota no componente curricular a produção textual os alunos tendem a se tornarem mais observadores diante do uso da língua, então desenvolvem a capacidade de construir tipologias textuais coerentes. A partir da concepção que os signos e o texto trazem para o ensino de língua portuguesa e para o cognitivo. Desta forma o trabalho em sala que envolve textos atividades interpretativa e produção textual auxilia o aluno no seu intelecto. Tal afirmação é confrontada quando o aluno não possui um bom letramento. No capítulo seguinte abordaremos o desenvolvimento cognitivo.

CAPITULO II

2. DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

No ambiente escolar é possível inferir como o aluno comporta-se diante da aprendizagem da língua materna que já está internalizada em si e é um reflexo da capacidade cognitiva, embora os testes de Q.I (quociente inteligente) usualmente inferidos em crianças possuam como resultados, apenas uma aferição para o desenvolvimento cognitivo determinado na infância, cujo não se altera à medida que está vai entrando na fase adulta, ou seja, especificando desta forma uma cognição por medição.

A posição epistemológica de Piaget demonstra que o desenvolvimento psicológico deve ser traçado de forma interacionista, isto é, entre os sujeitos e as situações, assim o sujeito tem o papel amplo na construção do seu conhecimento e desenvolvimento possibilitando ao individuo o aprendizado instigador relacionado ao desenvolvimento da capacidade de pensar e se tornar um ser crítico.

Desta forma pode-se inferir que a capacidade cognitiva está relacionada às praticas compostas não pela medição da inteligência como sugerem os teste de Q.I, uma vez que Piaget defende o estudo de questionamentos que reproduzam a natureza ou essência da inteligência. Assim desenvolve os principais estágios como podemos verificar a seguir:

estágio senso-motor no nascimento, com a percepção; pré- operatório de 1-2 anos com compreensão das relações funcionais; operatório concreto de 6-7 anos com estruturas invariantes de classe, relações, números; operatório formal de 13-20 anos com pensamento lógico e hipotético. (PIAGET, 1969, apud FURTH, 2007).

A teoria trata o desenvolvimento cognitivo como construtivo e não leva em consideração um desenvolvimento metódico como propõe o teste de Q.I. Sendo assim texto objetiva estudar o operatório formal que engloba a faixa etária de alunos do 9º ano no ensino fundamental II, porém de forma contextualizada entre a teoria Piagetiana e o ensino de língua Portuguesa realizando uma junção com o que compõe o PCN nessa construção. Compreendendo ainda o desenvolvimento cognitivo, por meio de Vygotsky que aborda uma construção cognitiva, tal qual Piaget apresenta em sua teoria, uma vez que reproduz um pensamento voltado para suas capacidades.

Oliveira (2010) afirma que “as representações mentais da realidade exterior são, na verdade, os princípios mediadores a serem considerados na relação do homem com o mundo”. Em facedos instrumentos mediadores, ou seja, mecanismos para concisão do desenvolvimento cognitivo. Sendo assim dentro de uma perspectiva sociocultural construída pela disseminação

das ideias que englobam o sujeito como um ser transformador, por meio do conhecimento adquirido.

Tal aspecto pode ser compreendido na perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin, uma vez que essa visão é evidenciada pela composição dos sentidos construídos pela interação entre sujeitos no qual não são considerados inerentes à língua tal qual reproduz a perspectiva monológica. Nesse sentido Vygostky utilizou em seus estudos os signos que se referem à relação que fazemos do objeto a palavra que o classifica.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA ADOLESCÊNCIA

O processo de cognição acontece segundo Piaget em fases de desenvolvimento do indivíduo, por meio de estágios, porém é necessário traçar um percurso de personalidade dos adolescentes, a fim da observância de ocorrência do desenvolvimento, além da oportunização de recursos para o professor no desenvolvimento do ensino de língua portuguesa. Neste contexto compreendesse adolescência o período que vai dos 12 aos 20 anos considerando-se como etapa de transição, ou seja, em termos psicológicos é o período em que não se é criança, porém ainda não se é adulto. Nesta fase os adolescentes se encontram no período escolar ou profissional, traços que afirmam o que é a adolescência, como veremos no decorrer deste capítulo.

Na antiguidade alguns filósofos gregos identificam nas crianças algumas características como questionar autoridades dos pais, indisciplina e desejo sexual, embora sem relacionar esses traços a nomenclatura “adolescência”. Porém as crianças citadas pelos filósofos correspondiam à minoria que tinham entre 13 e 20 anos. Durante um longo período as crianças eram destinadas as mais diversas funções dentre elas atividades profissionais, permanecendo desta forma até final do século XIX. Nesse sentido Coll; Marchesi; Palácios (2004) afirmam “Nem permaneciam muito tempo no sistema educacional. Não existia uma cultura adolescente, nem a adolescência era percebida como um estágio particular do desenvolvimento”.

As barreiras para o desenvolvimento nessa fase permaneceram até o final do século XIX quando houve a ruptura da situação descrita, tendo em vista que ocorria a revolução industrial e conseqüentemente mudanças no modo de vida, uma vez que a revolução trouxe a necessidade de aprimoramento educacional priorizando o ensino e a qualificação. Embora com a revolução muitas crianças filhas dos operários ainda permanecessem trabalhando as

crianças das classes sociais mais elevadas exerciam atividades escolares que foram se aprimorando, assim aos poucos no mundo ocidental o ensino foi avançando inclusive para os filhos dos operários, tendo em vista que o ensino passou a ser considerado obrigatório sendo perpassado até os dias atuais.

Em determinada conceituação biológica e psicológica distingue-se a puberdade e a adolescência, visto que a puberdade entende-se pelas mudanças físicas que transformam um corpo infantil em um corpo adulto, enquanto a adolescência é uma transição psicossociológica da fase infantil para a adulta e se caracteriza por ser prolongável por vários anos. Sendo assim o caráter psicossociológico segundo Coll; Marchesi; Palácios (2004) descrevem: “não necessariamente universal que não adota em todas as culturas o mesmo padrão de características que adota na nossa”, ou seja, não é imutável em relação às culturas, pois pode haver variações. Assim partindo das premissas de Piaget inferimos que os adolescentes enfrentam a passagem do prático para o simbólico, ou seja, a reflexão abstrata é afastada do concreto tornando-se mais teórica. Assim o cognitivo assume um viés de abertura de novos conteúdos abstratos perpassando ao concreto aliados à capacidade de correlação entre a realidade passada, planos para o futuro e a própria reflexão de si.

A adolescência reproduz uma fase de importantes modificações, ou seja, é a construção de uma nova perspectiva para o indivíduo, estudos psicológicos indicam que nessa fase a mente do adolescente é uma espécie de moratória entre a infância e a vida adulta. Ademais os adolescentes costumam confiar mais em outros adolescentes e revelar sentimentos intimistas correlacionados à capacidade de cognição.

Nesse sentido a escola investigada, por meio da turma do 9º ano refletiu comportamentos voltados às relações de amizade e autoproteção que conseqüentemente serviram de fatores para o aprimoramento do desenvolvimento das relações cognitivas. Desta forma as relações psicossociais na adolescência acontecem de maneira significativas envolvendo o companheirismo e o mesmo uso linguístico estabelecido pela igualdade na faixa etária.

Nessa etapa do ensino, em que os alunos estão finalizando um ciclo é possível inferir que há uma necessidade de práticas multidisciplinares incluindo a psicológica e linguística entre outras, necessárias para o aprimoramento e direcionamento na composição de aprendizagem que serão componentes no ensino médio. No entanto é preciso considerar os perfis sociais desses estudantes, uma vez que existem realidades distintas que conseqüentemente podem interferir na aprendizagem.

2.2 COGNIÇÃO E ENSINO FUNDAMENTAL II

Partindo das premissas psicológicas, em torno do desenvolvimento cognitivo observa-se que a teoria de Vygotsky descartou a vertente do subjetivismo, em que o indivíduo não possuía seu desenvolvimento pautado na interação social, isto é, tinha sua capacidade independente na composição de fenômenos psicológicos. Assim como a vertente objetivista. Contudo, Vygotsky partiu de outra perspectiva, em que denominou o desenvolvimento da cognição como algo que parte do princípio sócio-histórico, uma vez que parte da interdependência do indivíduo com o mundo exterior, a cerca disso se estabelecem de forma intersocial e interpsicológica para posteriormente assumirem um papel intrassocial e intrapsicológico.

No tocante da nova perspectiva que Vygotsky desenvolveu pontuemos o uso do signo e de instrumentos dos quais se construíam os símbolos. Desta forma trataremos aspectos dos teóricos Vygotsky e Piaget para abordarmos a cognição dos alunos do ensino fundamental II em torno dos que constitui a interlocução entre a psicologia e o ensino de língua portuguesa e como tal contextualização se reproduz no âmbito escolar e contribui para que os alunos consigam desenvolver suas potencialidades cognitivas em consonância com sua realidade.

Segundo Piaget a relação entre o desenvolvimento e a cognição se dá, por meio dos símbolos, visto que considera o símbolo como um termo bastante amplo, ou seja, abrangendo qualquer amplitude, inclusive a linguagem verbal, assim por meio da simbologia pode-se ter uma ferramenta que norteia o intelecto e seu desenvolvimento. Piaget classificou os símbolos em dois aspectos: figurativo e operativo. Nesse sentido o aspecto operativo é quem designa a significação dos símbolos, pois só se realiza a significação quando há assimilação deste. Sendo responsável pela significação representada de forma direta. No aspecto figurativo há uma determinada sequência sonora, ou seja, se existe o estabelecimento de uma expressão que reproduz um movimento particular uma configuração visual como no seguinte exemplo: “Vai”, simbolizando um movimento que indica certa direção.

O conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado pelas estruturas internas do sujeito, nem pelas características do objeto, isto é, o conhecimento se compõe, por meio de uma construção e interação composta por um aspecto novo em sua elaboração.

O desenvolvimento cognitivo entre 11 e 15 anos é caracterizado por Piaget como operativo II. No operativo as construções de pensamentos são lógicas, acerca do que ocorre momentaneamente necessitando de aplicações concretas, porém não reproduzem manipulações de sinais ou símbolos. O operativo II considera ainda que a cognição não reproduz algo estagnado que ocorre de dentro ou fora do indivíduo, ou seja, símbolos que constroem sua significação, por meio da interação cognitiva.

Ao abordarmos o operatório II que engloba a faixa etária de 13, 14 até 16 anos estabelecemos um estudo de alunos em idade de 14 e 15 anos condizentes com idades da grande parte dos alunos presentes no 9º ano do ensino fundamental II da escola Américo Ayres em Carolina-Ma, nesta etapa do desenvolvimento operatório Piaget reproduz uma inteligência operatória formal que interliga a libertação do pensamento a junção da manipulação de sinais e símbolos assim como a metacognição.

Desta forma alunos do ultimo ano do ensino fundamental II possuem maior desenvolvimento cognitivo, todavia a construção do ensino da língua portuguesa compõe uma forma enfática para estabelecer cientificamente autorreflexão e autoconhecimento difundindo a alteração no nível da linguagem, ou seja, quando em contato com o ensino da língua materna o aluno possui a capacidade de inferir suas próprias implicaturas e conseqüentemente avaliar as cargas semânticas existentes na língua.

Nessa fase o pensamento é como uma construção do conhecimento influenciado, por meio do conhecimento prévio. Tal qual a sua constituição individual e cultural. A teoria piagetiana descreve o cognitivo como operações formais, o qual se inicia entre 11 e 12 anos consolidando-se entre 14 e 15 anos. Sendo assim é o estágio considerado final no desenvolvimento cognitivo dos adolescentes. Nesse contexto o pensamento na adolescência funciona, por meio das características funcionais e estruturais. De acordo com Coll; Marchesi; Palácios (2004):

Nas operações formais, a realidade é concebida como um subconjunto possível, sendo está uma característica essencial que diferencia de maneira extraordinária as estratégias cognitivas utilizadas pelo adolescente e pelo adulto em relação à criança do estágio anterior. (Coll; Marchesi; Palácios, 2004, p. 310).

Nessa etapa a cognição é uma estrutura da capacidade de pensar em torno das situações, todavia não se tem o mesmo efeito cognitivo quando tratasse do estudo envolvendo o desenvolvimento de crianças na primeira infância, é claro que tal afirmação é parte da teoria Piagetiana. Considerando o adolescente como possuidor da capacidade de análise que não envolve apenas dados presente, mas também aspectos situacionais inferindo possíveis implicaturas entre os elementos dispostos, assim reproduz uma análise pautada na lógica das possibilidades hipotéticas. Todavia sua verificação é realizada, por meio da experimentação, ou seja, a realidade subordinasse as possibilidades.

Ainda sobre o cognitivo operatório usemos como exemplificação os signos, assim, por exemplo, ao usarmos o signo manga, o adolescente vai inferir de acordo com o contexto empregado a qual significação é realmente pertencente, se há uma referência ao signo manga como parte de um vestuário, ou como um fruto oriundo da árvore mangueira, verifica-se a

capacidade de relacionar a palavra, por meio das possíveis combinações em um dado contexto. No entanto os adolescentes utilizam apenas hipóteses, uma vez que são capazes da comprovação sistêmicas destas hipóteses. Em outras palavras (Coll; Marchesi; Palácios, 2004, p. 310) dizem: “Assim o adolescente trabalha intelectualmente não só com objetos reais, mas também com representações proposicionais dos objetos”. O sujeito formal não se pauta na resolução das ações apenas por experimentação, pois utiliza suas finalizações racionais verbalmente.

Nesse sentido os estudos Piagetianos em torno do estágio formal sobre adolescentes apresenta a importância quanto ao uso da linguagem para o processo que envolve a resolução de problemas utilizando a cognição. Embora Piaget tenha feito algumas considerações em torno da faixa etária referindo-se a idade de 11 a 15 anos, descrita como pensamento formal. Surgiram alguns questionamentos quanto à faixa etária que correspondesse a este, pois a idade ideal para esse estágio seria em torno de 15 até os 20 anos. Tal qual afirmaram outros estudiosos da área.

Piaget introduziu em seus estudos as causas e aptidões do sujeito, isto é, partindo da premissa de interesse do indivíduo casos este não consiga um bom desempenho nas situações experimentais. No entanto quando o sujeito se depara com uma situação que compõe suas aptidões, ou áreas de seus domínios sua capacidade cognitiva passa adotar o viés formal, ou seja, sua capacidade de raciocínio é facilitada.

Assim os percursos percorridos pela mente no tocante do desenvolvimento é uma reprodução das etapas de estágios em que o indivíduo se encontra e das possibilidades que podem ocorrer em cada estágio, mediante interações situacionais.

É notável que na adolescência haja uma série de transformações, tanto físicas como psíquicas, sendo que as transformações psicológicas destes incluem também a interferência do meio, em torno da aprendizagem refletidas nos anos escolares. Nesse sentido Coll; Marchesi; Palácios (2004, p. 332) afirmam “No entanto quando se trata de situações ou problemas que pertencem à experiência cotidiana do sujeito ou ao âmbito do que se pode experimentar e observar diretamente, é possível que ocorram mudanças conceituais para modelos mais complexos”. Sendo assim o adolescente na etapa escolar deve respaldar-se, em torno do seu conhecimento de mundo o que facilitaria o desenvolvimento cognitivo.

As fases das operações formais envolvem ainda a relação que os alunos possuem com o meio escolar, pois possibilita o entendimento do comportamento deste, por meio do conhecimento representado na interação com novas experiências Assim Coll; Marchesi; Palácios (2004) descrevem:

O esquema é entendido como um processo interno, organizado e não necessariamente consciente, que se apoia na antiga informação já armazenada em nossa mente; como já foi exposto anteriormente (...), para Piaget o esquema é a unidade básica, por meio da qual representamos nosso conhecimento, uma realidade que vai se modificando paulatinamente como consequência da nossa experiência. (Coll; Marchesi; Palácios 2004, p. 332).

Assim ao construirmos este esquema na relação do aluno mediante o que envolve as disciplinas estudadas em sala de aula, destacando a língua portuguesa é necessária à compreensão do conhecimento que já é parte da cognição com novas construções, por meio das observações pautadas no ensino aprendizagem, uma vez que esse adolescente passa a ser um interlocutário da capacidade produtiva que leva em consideração os aspectos significativos em especial da sala de aula que o torna capaz de se integrar a demanda do meio, ou seja, a escola, porém com a assimilação de relações novas promovidas pela própria atividade intelectual.

Logo, o desenvolvimento formal para adolescentes é o mesmo para os adultos, porém o grau de compreensão, em torno de determinados assuntos para os adultos é menos complexo, por exemplo, um acadêmico de Letras ao estudar determinada disciplina literária a exemplo Literatura Brasileira do romantismo ao simbolismo que faz uma abordagem destas correntes literárias no país introduz o romantismo, a priori como uma afirmação do sentimento de nacionalidade caracterizando a figura do índio como herói nacional introduzindo uma literatura nacionalista voltada a busca da identidade brasileira, a partir deste pressuposto os acadêmicos passam a inferir várias questões condizentes com a geração romântica, visto que a palavra romance abordada usualmente está semanticamente ligada ao romântico a histórias de amor, ou seja, as relações amorosas sempre com final feliz, essa significação perdura por um longo período e só é complementada na academia quando nos deparamos com as vertentes do romantismo. No entanto na graduação a uma facilidade de entender essas relações semânticas, por meio do que já se entende por romantismo aliado ao que ainda se irá apreender na disciplina em questão.

No entanto um adolescente possui um grau um pouco menor na realização dessas inferências, assim quando o conteúdo de língua portuguesa no 9º abordado na sala são orações subordinadas, cujo assunto é apresentado de forma descontextualizada, a priori não causa nenhuma inferência, em torno da significação, por meio de uma classificação composta por cargas de sentido não sendo momentaneamente possível inferir o que significa subordinação e o que seria uma oração subordinada, e a que objeto essa oração seria subordinado, assim sua capacidade de cognição, em torno do que estabelece o conteúdo é algo que vai aos poucos

sendo perceptível semanticamente. Contudo a assimilação acontece, embora com um pouco mais de resistência cognitiva, isto é, de forma menos instantânea. Tais observações foram analisadas durante as aulas na academia e nas aulas praticas de estágio.

A teoria piagetiana inclui adolescentes e adultos no mesmo estágio o formal, porém caracterizando distinções do desenvolvimento entre a adolescência e a idade adulta em torno de construções significativas.

Levando para o campo da língua portuguesa se pode observar essa facilidade, por meio do conteúdo de interesse do aluno, ou seja, este alcançaria o nível de funcionamento formal mais facilmente por sua afinidade com o conteúdo abordado em sala. Tal afirmação reproduz na escola fatores que distinguem alunos com melhor desempenho em língua Portuguesa em relação à matemática, ou em ciência em relação às disciplinas citadas anteriormente.

Cabe salientar que o aluno do ensino fundamental II sofre constantemente influência do meio na construção do seu desenvolvimento cognitivo, fato observado durante o estágio pratico, quando professores reunidos discutiam a dificuldade de alguns alunos, durante a discussão a professora de matemática afirmou que em determinado momento uma aluno pediu que repetisse a explicação do conteúdo, porém após a repetição a duvida do aluno persistia, assim a professora perguntou qual dificuldade o aluno estava encontrando na explicação, então ele respondeu que se tratava da forma como ela usava as palavras para explicação, pois se tratava de uma linguagem bem diferente da usada cotidianamente por ele, após explicação a professora sugeriu ao garoto sentado ao lado que conseguiu assimilar o conteúdo que explicasse ao colega, afim que este obtivesse a compreensão do assunto abordado.

No final deste acontecimento em sala a professora observou que o aluno conseguiu compreender o assunto proposto. A interação entre os alunos foi facilitada pela compreensão obtida por um dos alunos. Sendo assim o aluno desenvolveu sua metacognição.

CAPITULO III

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no período de março de 2017 e o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi o estudo do caso. Aplicou-se um questionário aos alunos e também a professora de Língua portuguesa do 9º ano, a turma é composta por 17 alunos.

O questionário contém 7 questões para os alunos e 7 para professora, como pode se verificar no apêndice deste trabalho, sendo que 5 destas buscam averiguar conhecimento dos alunos acerca da língua portuguesa e as 2 restantes buscam levantar e identificar o desenvolvimento cognitivo e as dificuldades em relação ao uso da Língua Portuguesa.

A aplicação do questionário com os alunos ocorreu durante duas aulas de língua portuguesa, sendo que a professora achou necessário na primeira aula à explicação do questionário equal a finalidade, para que os alunos respondessem com calma e atenção.

Na segunda aula aplicou-se o questionário, assim os alunos responderam em pouco mais de 15 minutos, sem nenhuma dúvida aparente, em torno das questões.

A pesquisa foi realizada na Unidade escolar Novo Horizonte que pertence à rede pública municipal, localizada no centro, município de Carolina, sul do Estado do Maranhão. A escola oferece ensino fundamental I e II, funcionando no turno matutino e vespertino e atende cerca de 200 alunos, sendo que uma pequena parcela é oriunda de assentamentos e fazendas situadas aos redores do município.

A estrutura física da escola é composta por (01) secretaria, (01) sala para os professores e coordenação, (5) cinco salas de aula, (02) banheiros coletivos, um feminino e outro masculino, (01) um banheiro para os professores (01) cantina, (01) pátio e não possui banheiros destinados ao atendimento de alunos portadores de necessidades especiais, não possui profissionais especializados no atendimento destes, a escola não possui uma área de refeitório.

É importante frisar que o Projeto Político Pedagógico - PPP da escola ainda está em construção. Funcionam os seguintes níveis de ensino: Educação Infantil (2) duas turmas, (07) sete de Ensino Fundamental I, de 1º ao 5º ano e (05) cinco turmas de ensino fundamental II, de 6º ao 9º ano. Sendo que a escola funciona em dois turnos, matutino e vespertino.

Os participantes desta pesquisa foram alunos do 9º ano da Unidade Escolar. Cujas turmas são compostas por 17 alunos com faixa etária entre 13 a 15 anos, sendo uma turma bastante heterogênea, composta por 9 alunos do sexo masculino e 7 alunos do sexo feminino. Os

alunos, em grande maioria pertencem à classe média baixa, com rendas de até 1,5 salários mínimo e são moradores de bairros, mas afastados, sendo 1 da zona rural, que mora cerca de 30 km da escola.

A professora que respondeu ao questionário de Língua Portuguesa é Luisa Mendes da Silva⁶ que tem 33 anos é recém-formada em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas foi contratada no início do período letivo de 2017, leciona Língua portuguesa no 9º ano e língua inglesa nas turmas do 6º ao 9º ano. Está cursando especialização em Língua Inglesa.

Podemos perceber que se trata de uma profissional recém-formada, mas que almeja mais conhecimento, pois logo após terminar a graduação já está se especializando no Lato Senso. Assim também podemos inferir que a profissional não é relapsa e tão pouco ultrapassada, pois já está buscando aperfeiçoamento, embora recém-formada demonstra bastante gozo pela profissão.

⁶ O nome atribuído à professora participante da pesquisa é fictício

CAPITULO IV

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta sessão apresenta a análise dos dados que foram coletados a partir dos questionários aplicados com os alunos e com a professora do 9º ano. Os questionários foram elaborados buscando analisar as facilidades e dificuldades enfrentadas pelos alunos nas aulas de língua portuguesa, visando conhecer como se desenvolve o operativo formal nos adolescentes, como também levantar conceitos, tanto dos alunos como da professora em relação ao ensino – aprendizagem de Língua Portuguesa.

A tabela abaixo mostra os indicadores de participação dos alunos no teste de coleta de dados.

Participação nos teste	
Numero de alunos série e respectiva taxa de participação	
Série	9º ano
Matriculados	17
Alunos que responderam o questionário	17
Taxa de participação (%)	100%

Tabela 1

Os resultados apresentados abaixo mostram, inicialmente na tabela, as quantidades de alunos por respostas juntamente com o percentual equivalente da turma investigada.

Ao Perguntar se os alunos tinham o hábito de estudar Português (ler livros de literatura, responder questões sobre o uso da língua portuguesa, interpretar, no objetivo de compreender o que está implícito no texto)? Foram obtidos os seguintes resultados:

Tabelas 2: Desempenho do 9º ano quanto ao hábito de estudar Português.

Turma: 9º ano		
Você tem hábito de estudar Língua Portuguesa?		
Respostas	Nº de alunos	% de alunos
Sempre dedico um tempo para estudar Português.	7	40%
Estudo apenas para responder atividades e na véspera de provas.	7	40%
Estudo apenas nas aulas de Português.	4	20%
Nunca estudo Português por que não gosto da disciplina.	0	0%
TOTAL	37	100%

Ainda, procurando compreender melhor esta questão, foi perguntado aos alunos quanto tempo dedicam para esse estudo, obtendo assim a confirmação que de fato, poucos dedicam tempo para os estudos:

Tabela 3: Desempenho do 9º ano quanto ao tempo de estudo

Turma: 9º ano		
Quando você estuda Português, quanto tempo você usa para esse estudo?		
Respostas	Nº de alunos	% de alunos
Nunca estudo Português.	1	10%
Menos de uma hora ou até uma hora.	9	60%
Entre duas e três horas.	6	20%
Mais de duas horas.	1	10%
TOTAL	37	100%

Para complementar a compreensão da investigação anterior, perguntou-se aos alunos a que atribuem o fato de dedicarem pouco tempo ao estudo de conteúdos de língua portuguesa, e foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 4: Desempenho do 9º ano quanto ao pouco tempo de estudo

Turma: 9º ano		
Se você dedica pouco tempo para estudar Português, a que você atribui esse fato?		
Respostas	Nº de alunos	% de alunos
Sempre dedico um tempo para estudar Português.	4	27%
Porque não gosto de Língua portuguesa e também porque é cheia de “assuntos difíceis”.	3	21,5%
Porque não tenho quem me ajude em casa e como não sei estudar sozinho, sinto – me desmotivado (a).	8	40,5%
Nunca estudo língua portuguesa porque prefiro estudar outras disciplinas.	2	11%
Outros motivos.	0	0%
TOTAL	37	100%

Em relação às aulas de Língua Portuguesa, perguntou-se aos alunos se durante as aulas eles se distraíam, e de acordo a respostas destes foi observado o seguinte:

Tabela 5: Desempenho dos do 9º ano quanto à distração

Turma: 9º ano		
Você se distrai facilmente nas aulas de Português?		
Respostas	Nº de alunos	% de alunos
Não, sempre presto atenção.	4	27%
Sim, não consigo presta atenção.	3	21,5%
Na maioria das vezes fico distraído.	8	40,5%
Na maioria das vezes presto atenção.	2	11%
TOTAL	37	100%

Quando se perguntou sobre os motivos pelos quais, permaneciam distraídos durante as aulas, os resultados foram os seguintes:

Tabela 6: Desempenho do 9º ano quanto aos motivos da distração

Turma: 9º ano		
Se você se distrai e pouco participa das aulas de língua portuguesa, a que você atribui esse fato?		
Respostas	Nº de alunos	% de alunos
A língua portuguesa é algo difícil e complicado. Como não compreendo, às vezes, me distraio ou não participo das aulas.	11	67,5%
Por que não gosto de estudar Língua portuguesa.	2	11 %
Distraio-me e não participo porque não gosto da forma como a professora trabalha.	0	8,1%
Outros motivos.	4	27%
TOTAL	37	100%

Então foi perguntado sobre a reflexão do uso da língua num contexto situacional e os resultados foram os seguintes:

Tabela 7: Desempenho do 9º ano quanto ao uso da língua portuguesa

Turma: 9º ano

Quando você se depara com o uso da língua num contexto situacional você consegue refletir sobre seu funcionamento?

Respostas	Nº de alunos	% de alunos
Sim, varias vezes.	12	89%
Sim, porém raramente.	2	11%
Não, sempre são explicações e exercícios.	0	0%
Não, a escola não possui estes recursos.	0	0%
TOTAL	37	100%

A seguinte pergunta foi sobre a compreensão que os alunos têm em identificar a relação da língua portuguesa com o ambiente social, sendo assim se obteve os resultados foram:

Tabela 8: Desempenho do 9º ano quanto à relação entre a língua portuguesa e o ambiente social.

Turma: 9º ano

Você tem capacidade de identificar como a língua portuguesa se relaciona no ambiente social.

Respostas	Nº de alunos	% de alunos
Sim.	11	62%
Não.	4	27%
Tenho dificuldades não sei qual relação da língua com o meio social.	2	11%
Não sei opinar, pois só relaciono língua portuguesa ao uso do livro didático.	0	0
TOTAL	25	100%

Ao perguntar aos alunos, sobre a importância da língua portuguesa para o desenvolvimento cognitivo, o resultado foi o seguinte:

Tabela 9: Desempenho do 9º ano quanto ao desenvolvimento cognitivo, por meio da língua portuguesa.

Turma: 9º ano

A língua portuguesa é parte importante para seu desenvolvimento cognitivo? Se a resposta for sim explique o porquê.

Respostas	Nº de alunos	% de alunos
Sim.	9	55 %
Não.	8	45%
TOTAL	25	100%

Os resultados acima descritos nas tabelas mostram que pouco mais da metade dos alunos não tem interesse pelo estudo da língua materna e desconhecem que seu uso é uma mola para o desenvolvimento cognitivo. Analisando os dados descritos se objetiva desenvolver métodos de ensino que despertem no aluno o interesse pelas aulas de língua portuguesa e conseqüentemente por outras disciplinas.

Levando em consideração a teoria desenvolvida por Piaget na qual estabelece que uma boa parte destes alunos ainda estão incluídos no estágio concreto, pois não conseguem entender a língua como um uso componente do meio, assim ao apresentar o questionário a professora de língua portuguesa inferimos que a pequena porcentagem dos que tem gosto pelo aprendizado da língua portuguesa apresentam um bom desempenho escolar sempre com médias que variam de 8 a 10 e com um notável desempenho cognitivo e de interação com o meio. Aos demais alunos a professora atribuiu um déficit de atenção e dificuldades de compreender determinados conceitos estudados na disciplina de Português.

4.1ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA

A fim de compreender melhor a situação e enriquecer este estudo aplicou-se um questionário fechado a professora de Língua portuguesa, sendo que está, trabalha apenas com o ensino fundamental II.

A primeira questão dizia respeito à formação inicial dos professores, embora na escola haja uma estruturação quanto à formação e área de atuação, uma vez visa organizar o quadro de professores nas áreas de formação específica. No entanto ainda existe uma pequena porcentagem que não atua na sua área de formação. Todavia a professora em questão está atuando de acordo com sua formação.

Em seguida, foi perguntado o tempo de trabalho da professora com o ensino da língua portuguesa, e a resposta foi: menos de 5 anos. Logo após, foi perguntado sobre o porquê da opção de estar trabalhando com a disciplina? Tendo como resposta: questão de afinidade e por ter se graduado nesta área, além do gosto de trabalhar a disciplina.

Já quanto às dificuldades do ensino da língua portuguesa na sala de aula, a resposta foi a seguinte: a falta de comprometimento e interesse dos alunos é a maior dificuldade, em relação a esta resposta a professora explicou que alguns alunos não participam e apenas conversam, nos quais o interesse é aparente é notável o bom aprendizado e o deleite em participarem, além da perspicácia em questionarem.

A fim de melhor compreender as maiores dificuldades no trabalho como professora foi perguntado que contribuiu para as dificuldades enfrentadas no aprendizado pelos alunos em sala de aula a alternativa marcada foi a seguinte: falta de material pedagógico e um espaço propício dentro da escola que auxilie e resulte em uma aprendizagem mais eficaz, em relação a essa resposta a professora informou que se referia a própria sala de aula uma vez que está não tem ventiladores funcionando e o quadro a giz está em péssimas condições, além de não haver uma biblioteca e sala de vídeo ampla.

A penúltima pergunta foi a seguinte: a língua portuguesa é importante para o desenvolvimento cognitivo dos alunos? A professora respondeu que sim e completou de próprio punho “o ensino da língua portuguesa é um vasto contemplamento no âmbito do conhecimento, assim o aluno pode construir sentidos retirar inferências e desenvolver-se tanto socialmente como cognitivamente a língua segue uma composição normativa, linguística e literária capaz de tornar um ser estagnado nas situações em um ser altamente capaz de construir novas formulações e se apoderar de tal maneira destas que sua capacidade cognitiva se transforma em uma fortaleza nos acontecimentos cotidianos”.

Para a última pergunta do questionário foi abordada uma pergunta dissertativa sobre a descrição que a professora faz dos alunos que possuem um bom desempenho a resposta foi a seguinte: Estes são alunos atentos, críticos e com percepção bem mais aguçada em relação aos que ficam dispersos em sala de aula e conseqüentemente não apresentam o mesmo desempenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar e descrever a importância das teorias sobre o desenvolvimento cognitivo, por meio da língua portuguesa. Desta forma percebemos que embora o tema seja estudado na academia e se torne fonte de pesquisa de muitos estudiosos as relações, em torno dessa concepção ainda são pouco difundidas, principalmente no ensino fundamental II.

É óbvio que pautados na teoria piagetiana nos estudos de Vygotsky e no PCN de Língua portuguesa existem metodologias que podem ser desenvolvidas, a fim de estimular e despertar os alunos para uma ampliação do desenvolvimento cognitivo, afinal ao abordarmos o operatório formal foi possível verificar que as atividades, cujas adolescentes têm mais afinidade facilitam o alcance de uma cognição formal imediata capaz de tornar o sujeito um ser que interage com o meio e tem a possibilidade de fazer relações significativas em situações distintas, criando assim um pensamento crítico em torno das situações.

Logo, os alunos do 9º ano da Unidade escolar Américo Ayres reproduziram o perfil da maioria de alunos das escolas maranhenses, que estabelecem a dificuldade de aprendizado ao desinteresse pela gramática normativa, pois consideram os conteúdos normativos muito difíceis, além de falta de motivação na aplicação de atividades que despertem o interesse pela língua e contribuam para um bom desempenho cognitivo, porém quando analisados individualmente, o interesse pela disciplina de língua portuguesa é um grande alicerce na construção do saber, pois a identificação do signo e significado, inferências textuais entre outros assuntos abordados pela língua disseminam uma participação contundente entre o sujeito e a linguagem.

Portanto a presente pesquisa buscou analisar o que motiva o desenvolvimento cognitivo por meio da teoria psicológica de Piaget, assim como analisar o perfil psicossocial dos alunos, a fim de estabelecer quais os melhores recursos podem ser usados para desenvolvimento cognitivo dos estudantes do 9º. Tal qual a possibilidade de resgatar no aluno o interesse pelo aprendizado da língua de forma ampliada para que saibam utilizá-la criticamente nos contextos situacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. *Muitoalém da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (1986). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec (1ª edição, 1929).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1998.

COSTA VAL, M. G: *Redação e textualidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús: *Desenvolvimento psicológico e educação*. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FIORIN, J. L. (Org). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2003.

HANS, G. Furth: *Piaget na sala de aula*. Tradução Donaldson M Garschagem. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2010.

PEREIRA, José da Silva. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: O autor, 2010.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.

APÊNDICE

APÊNDICES:

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO 1

1. **Você tem o hábito de estudar Português (ler livros de literatura, responder questões sobre o uso da língua portuguesa, interpretar, no objetivo de compreender o que está implícito no texto)?**
 - a. Sempre dedico um tempo para estudar Português.
 - b. Estudo português, apenas quando vou responder “atividades para casa” ou na véspera das provas.
 - c. Estudo Português, apenas nas aulas de Português.
 - d. Nunca estudo Português, pois não gosto da disciplina.

2. **Quando você estuda Português, quanto tempo você usa para esse estudo?**
 - a. Nunca estudo Português fora da sala de aula.
 - b. Menos de uma hora ou até uma hora.
 - c. Entre duas e três horas
 - d. Mais de duas horas

3. **Se você dedica pouco tempo para estudar português, a que você atribui esse fato?**
 - a. Este não é meu caso, pois eu sempre dedico um tempo para estudar Português.
 - b. Não Estudo, porque não gosto da disciplina e também porque é cheia de “coisas difíceis”.
 - c. Estudo pouco, porque não tenho quem me ajude em casa e como não sei estudar sozinho, sinto – me desmotivado (a).
 - d. Nunca estudo porque prefiro estudar outras disciplinas.
 - e. outros motivos. Por favor, especifique abaixo as razões:

4. **Você se distrai facilmente nas aulas de Português?**
 - a. Não! Sempre presto atenção
 - b. Sim, não consigo prestar atenção
 - c. Na maioria das vezes me distraio

d. () Na maioria das vezes eu presto atenção

5. Se você se distrai e pouco participa das aulas de português, a que você atribui esse fato?

a. () A língua portuguesa é algo difícil e complicado. Como não compreendo, às vezes, me distraio ou não participo das aulas.

b. () Por que não gosto de estudar Português.

c. () distraio – me e não participo porque não gosto da forma como a professora trabalha.

d. () outros motivos. Por favor, especifique abaixo as razões:

6. Quando você se depara com o uso da língua num contexto situacional você consegue refletir sobre seu funcionamento.

a. () sim, várias vezes.

b. () sim, porém raramente.

c. () Não.

d. () Não, pois minha escola não nos prepara para um contexto situacional.

e. () outras respostas. Por favor, especifique abaixo:

7. Você tem facilidade de identificar como a língua portuguesa se relaciona no ambiente social ?

a. () Sim

b. () Não

c. () Tenho dificuldades não sei qual a relação da língua com o meio social.

d. () Não sei opinar, pois língua portuguesa ao uso do livro didático.

8. A língua Portuguesa é parte importante para seu desenvolvimento cognitivo? Se a resposta for sim explique por que?

a. () Sim

b. () Não

APÊNDICE B**QUESTIONÁRIO – PROFESSOR****1. Qual sua formação?**

- a. Letras.
- b. História
- c. Filosofia
- d. pedagogia
- e. outra. Qual? _____

2. Há quanto tempo você trabalha como professor de Língua Portuguesa?

- a. menos de 5 anos
- b. entre 5 e 10 anos
- c. entre 10 e 20 anos
- d. Mais de 20 anos

3. Porque você optou em lecionar Português?

- a. Por afinidade e gosto em trabalhar com a disciplina.
- b. Por determinação da gestão, devido a falta de professor licenciado em Letras.
- c. Por ter mais oportunidade no mercado de trabalho.
- d. outros...

4. Quais suas maiores dificuldades, no trabalho, em sala de aula?

- a. A falta de materiais e recursos didáticos para realizar aulas diferenciadas.
- b. A falta de comprometimento e interesse dos alunos.
- c. A falta de apoio da coordenação pedagógica e dos pais.
- d. outros....

5. Caso seus alunos apresentem dificuldades de aprendizagem, as principais causas devem – se ao fato ...

- a. ...não terem incentivo ou ajuda familiar nas tarefas e nem acompanhamento escolar.
- b. ... Língua portuguesa ser uma disciplina com muita carga teórica e que nem todos conseguem aprender.
- c. ... falta de material pedagógico e um espaço propício dentro da escola que auxilie e resulte em uma aprendizagem
- d. ...de um elevado nível de distração durante as aulas de Português.
- e. Outros....

6. Em suas aulas você estabelece a importância da língua portuguesa para o desenvolvimento cognitivo dos alunos?

- a Sim
- b Não

7. Como você descreve os alunos com bom desempenho na disciplina de língua Portuguesa.
